

**TRABALHAR NA SAÚDE: EXPERIÊNCIAS COTIDIANAS E DESAFIOS PARA A GESTÃO DO TRABALHO E DO EMPREGO.** Assunção AA, Brito J, organizadores. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2011. 216 pp.

ISBN: 978-85-7541-217-6

O livro *Trabalhar na Saúde: Experiências Cotidianas e Desafios para a Gestão do Trabalho e do Emprego*, organizado por Ada A. Assunção e Jussara Brito, reúne pesquisadores de referência no campo do trabalho e saúde no Brasil, neste caso com enfoque no trabalho no setor saúde.

As três partes que compõem o livro trazem bem enunciados os objetos centrais dos estudos que serviram de fontes para os capítulos. Essas partes articulam: *Cotidiano, Modos de Saber-Fazer no Trabalho e a Saúde de Quem Cuida, Sofrimento e Desgaste associados ao Trabalho no Setor Saúde e Desenvolvimento das Políticas de Gestão do Trabalho – Tendências e Desafios*.

Já de início vale ressaltar a amplitude de tais objetos, tendo-se buscado abranger a própria amplitude do campo do emprego e trabalho em saúde. Ao mesmo tempo, observa-se a composição dos capítulos de modo a por em relevo o que há de específico e singular na análise dos objetos ou situações de trabalho.

Os capítulos que compõem a primeira parte tratam das condições a que se expõem, ou que *experimentam*, os trabalhadores da saúde, os modos como se inserem e lidam com tais condições, e os efeitos produzidos em sua vida e saúde, além das repercussões na qualidade dos serviços prestados aos usuários. Junto com a apresentação das situações analisadas, os capítulos configuram-se como oportunidade de se entrar em contato com breves, mas consistentes resgates conceituais, que ajudam a ampliar o olhar analítico sobre o trabalho e os aspectos específicos que o caracterizam como *processos de trabalho em saúde*. Do ponto de vista teórico, demarcamos então a relevância desses *referenciais ampliados*, potentes para ajudar a compreender a complexidade atual do trabalho no setor saúde, abordado na perspectiva de *atividade* e conceitos agregados nessa perspectiva.

Do ponto de vista da abrangência dos estudos ou alvos de abordagem, cuida-se em trazer um diversificado espectro de situações, contemplando trabalhadores de diferentes subsetores do trabalho no setor saúde e a diversidade de atividades com as quais estão envolvidos, isto é, *cenários de trabalho* que revelam a diversidade de situações que se podem considerar como *campos de exposição*, em sentido mais ampliado, indicando

os campos de interação trabalho-trabalhador e o que se produz nessa relação, em diferentes âmbitos de efeitos.

Nesse contexto, aborda-se a realidade atual do trabalho em saúde, mostrando situações que têm aparecido nas pesquisas e que também observamos, reiteradamente, nos relatos de trabalhadores em e sobre seu cotidiano de trabalho – situações que de modo geral são vividas e definidas como de crescente precarização do emprego e condições laborais. Algumas dessas situações merecem destaque, por constarem das diretrizes intencionalmente reforçadas nos novos modelos de organização das práticas sanitárias no país – relacionadas à estruturação da hierarquia organizacional, ao trabalho em equipe, à participação nos processos decisórios – e que na prática revelam-se em suas limitações e contradições.

Um importante recorte de análise articula a relação entre precárias condições de trabalho, repercussões na capacidade ou potencialidades dos trabalhadores e a qualidade dos serviços prestados aos usuários. Os exemplos ilustram a influência das racionalidades organizativas do sistema e da produção em saúde, baseando-se centralmente na racionalização de recursos e reduções de pessoal, resultando em piora das condições laborais, sobrecargas, adoecimento e insatisfação profissional, e em repercussões negativas na assistência, em termos das inadequações na oferta dos procedimentos, no tempo disponível e na relação com os pacientes, aspectos que comprometem os resultados finais. Agravam-se assim a morbidade dos trabalhadores e o comprometimento da qualidade da atenção e, em um outro extremo, a consequência também nociva ao trabalhador e a todo o sistema são as aposentadorias precoces.

As situações de desgaste, sofrimento e adoecimento aparecem em um amplo espectro de *problemas*, incluindo sintomas cada vez mais crescentes na esfera da saúde mental e síndromes específicas como *burnout*, junto a acometimentos observados em todos os sistemas fisiológicos, além dos casos clássicos de acidentes ocupacionais e lesões associadas aos riscos específicos dos ambientes ocupacionais em saúde, agravados pela falta de segurança, de proteção e de prevenção nos casos indicados (como vacinações, uso de equipamentos etc.).

Os capítulos organizados na parte 2 do livro tratam especialmente da multiplicidade dos quadros clínicos e afastamentos do trabalho por motivos de saúde, trazendo abordagens específicas sobre violência (tanto de origem externa quanto nas relações institucionais) e desgastes associados à divisão sexual do trabalho e relações de gênero. Apresentam-se indicadores usuais

de dimensionamento do adoecimento e suas consequências, como o absenteísmo, aspecto que se torna cada vez mais importante no cenário das preocupações governamentais e do mercado, devido ao seu custo econômico e social.

De algum modo, todas as situações abordadas nas pesquisas podem ser remetidas ao contexto em que os trabalhadores se veem desafiados a criar estratégias de enfrentamento das situações de trabalho, em meio às adversidades, paradoxos e contradições institucionais, práticas de gestão burocráticas e escassez de recursos. Assim abordam-se situações-limite no contexto da precariedade e da inventividade no cotidiano, por aí ilustrando as perspectivas do que são invenções e intervenções exitosas, mas, por outro lado, o que são esforços e desgastes resultantes de uma rotina que exige soluções improvisadas para suprir lacunas (repetidas) no âmbito da infraestrutura e provisão de recursos.

Vale lembrar que o trabalho no SUS é o principal alvo de abordagem dos estudos e isso realça a importância do material reunido neste Livro, disponibilizando informações que podem funcionar como pistas para compor ou ampliar a pauta institucional do SUS no sentido de fundamentações e esforços para se lidar com a gravidade das situações que confluem para a precarização das condições de trabalho e a tendência dos adoecimentos e âmbitos de comprometimento do serviço.

Os estudos baseados nas políticas de gestão do emprego e trabalho (parte 3 do livro) apresentam as importantes iniciativas institucionais quanto aos instrumentos normativos de regulação do trabalho no setor saúde, mas revelam também as contradições e discrepâncias entre o que está previsto e o que se implementa no cotidiano, situação portanto que se agrega como desafio para as instâncias gestoras.

Ao reunir estudos com foco na *atividade de trabalho* como também no âmbito da *macrogestão*, o livro possibilita a compreensão das adversidades no setor saúde à luz da reforma mais ampla do Estado, questão que é alvo de críticas recorrentes e, no dizer de um dos autores, reforma que induziu à “desestruturação do serviço público”. As instabilidades daí decorrentes repercutem diretamente em fragilidades na organização do trabalho.

O livro, portanto, assume importante papel neste momento de necessidade de ampliação do conhecimento sobre o trabalho no setor saúde, lembrando que os estudos sistemáticos sobre a relação trabalho-saúde nesse setor de serviços ainda é um fato recente. Saliente-se também que a disponibilização desta obra coincide com um momento histórico de empenho do Ministério da Saúde em deslançar ou intensificar iniciativas surgidas a partir dos anos 2000, entre elas as que se iniciaram em torno de *políticas nacionais de despreciação do SUS*, ampliadas com a Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão em Saúde e com a

recém-promulgada Política Nacional de Promoção da Saúde do Trabalhador do SUS.

Somando-se ao conjunto atual dessas iniciativas e de outros estudos e experiências que têm sido realizados no país, entendemos que vem ajudar na expansão de pesquisas e intervenções nos diferentes espaços de trabalho no SUS.

Concluir esta resenha afirmando essa *expectativa* é também uma oportunidade de manifestar nossa satisfação com os movimentos de ampliação do debate sobre o trabalho no setor saúde, com parceiros que vêm se engajando na construção de redes de valorização do trabalho e trabalhadores da saúde.

Serafim Barbosa Santos Filho  
Ministério da Saúde, Belo Horizonte, Brasil.  
serafimsantos@terra.com.br